

MARCELO PUSTILNIK DE ALMEIDA VIEIRA



1290000192



FE

TCC/UNICAMP V673m

O MODO DE OLHAR CRIA A REALIDADE

CAMPINAS, SP
NOVEMBRO DE 2002

Marcelo Pustilnik de Almeida Vieira

O modo de olhar cria a realidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

Campinas, SP
Novembro de 2002



FE
TCC - UNICAMP...
- V. C. 73.m.v.
192
12/4/2003
11,00
04.11.03
lib = 308282

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

V673m	Vieira, Marcelo Pustilnik de Almeida. O modo de olhar cria a realidade / Marcelo Pustilnik de Almeida Vieira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.
	Orientadores : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda e Wenceslao Machado de Oliveira Júnior. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Imagem. 2. Fotografia. 3. Memória. I. Miranda, Carlos Eduardo Albuquerque. II. Oliveira Júnior, Wenceslao Machado de. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	02-0255-8FE

Folha de aprovação

Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

Segundo Leitor

Prof. Dr. Wenceslão Machado de Oliveira Júnior

Agradeço a todos os companheiros de jornada pela parceria, apoio, compromisso, coragem, compreensão e carinho que me permitiram chegar ao fim desta etapa.

Incluo todos os nomes e não cito nenhum. Os que são meus saberão estar aqui incluídos.

Obrigado.

[...] a visão [...] altera a realidade, construindo-a.

Uma casa não é construída apenas

com pedras, cimento, etc.

O modo de olhar de um homem também

a constrói.

Clarice Lispector, in: A descoberta do Mundo, pg. 416

Sumário

Vestígios.....	1
Criação	30
Conquista.....	31
Pertence.....	31
Move	32
Pensa.....	32
Sente.....	33
É.....	33
Voar.....	34
A produção da imagem.....	35
Autoria.....	37
Construção.....	37
Fazer.....	40
Detalhes.....	42
O que foi produzido.....	42
O narrador fotográfico.....	44
O objeto em foco:	47
Assistencialismo.....	47
A ComVida.....	48
O local:.....	49
A população:	50
Conclusão.....	51
Bibliografia:.....	53

O trabalho a seguir é um estudo fotográfico efetuado no bairro Jardim Satélite Íris I, da cidade de Campinas, SP, realizado no ano de 2002.

Vestígios



Foto 1



Foto 2

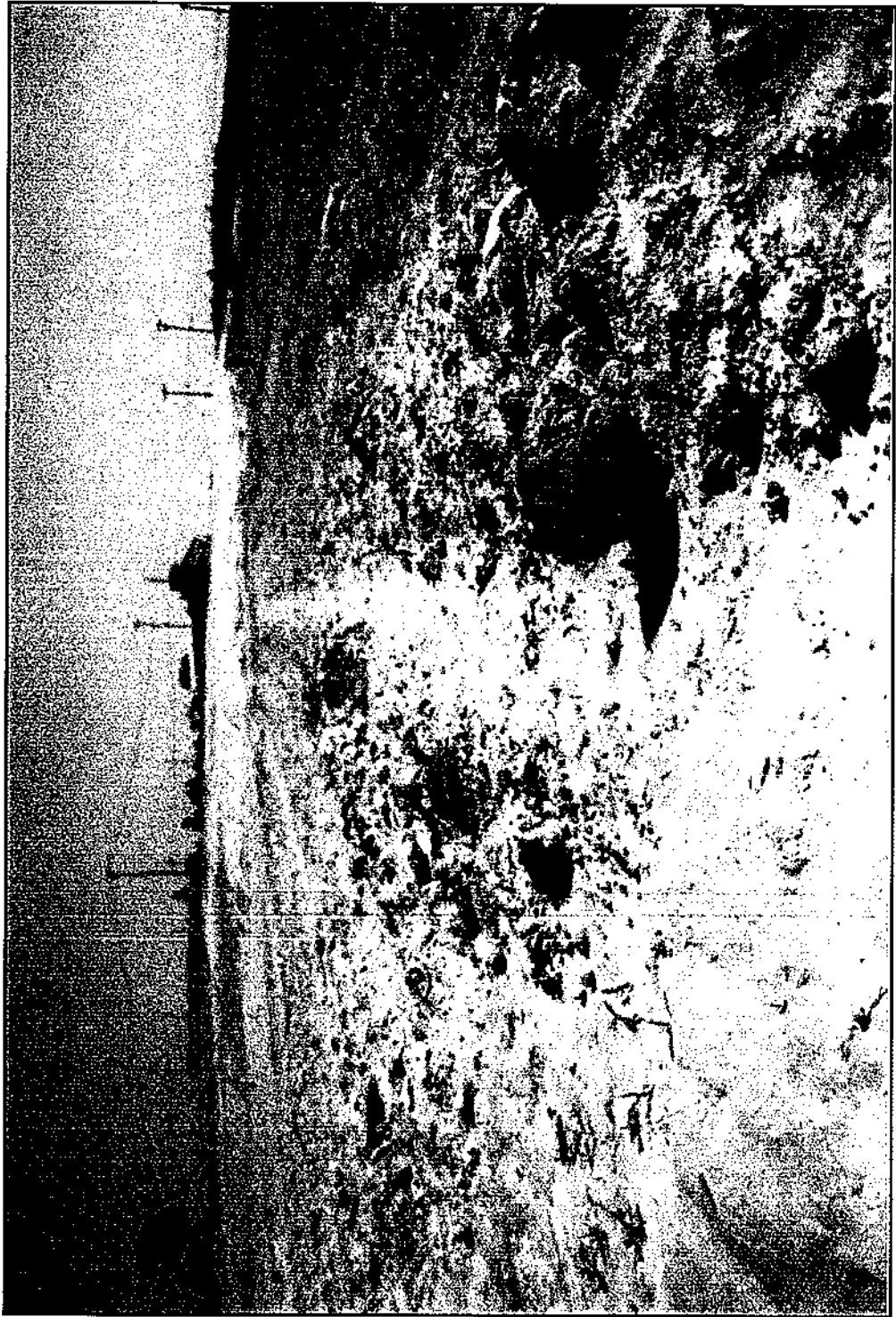


Foto 3

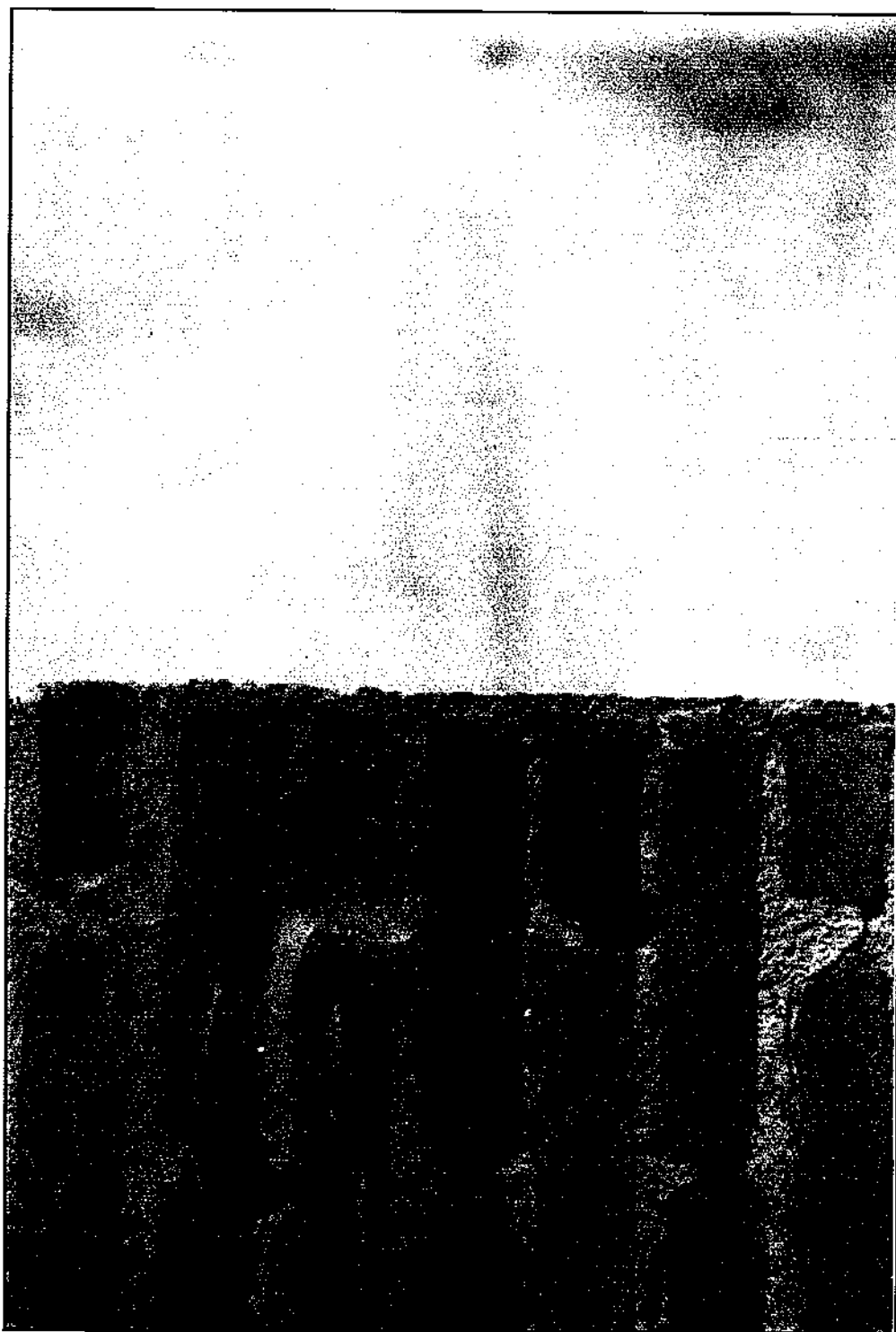


Foto 4

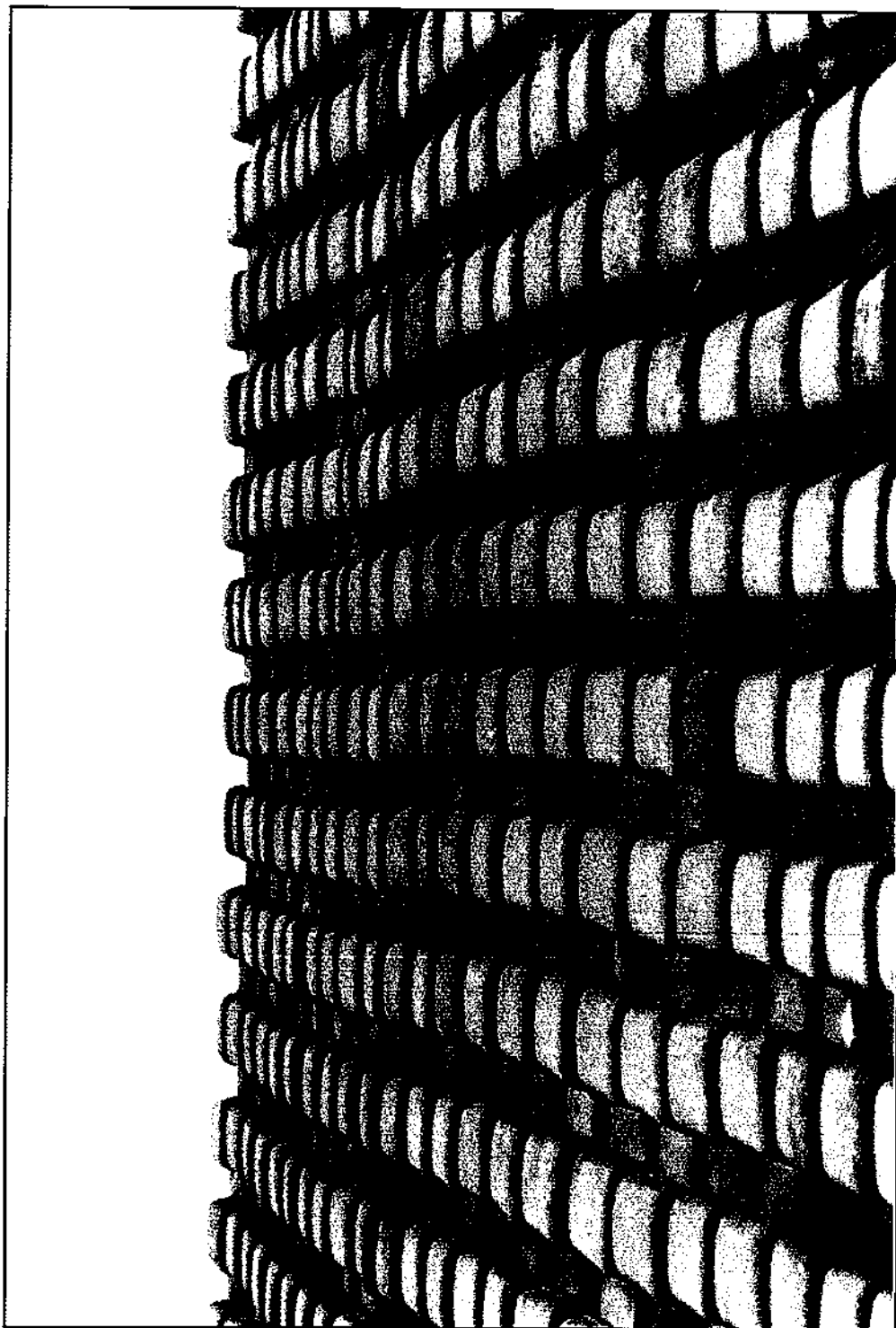


Foto 5

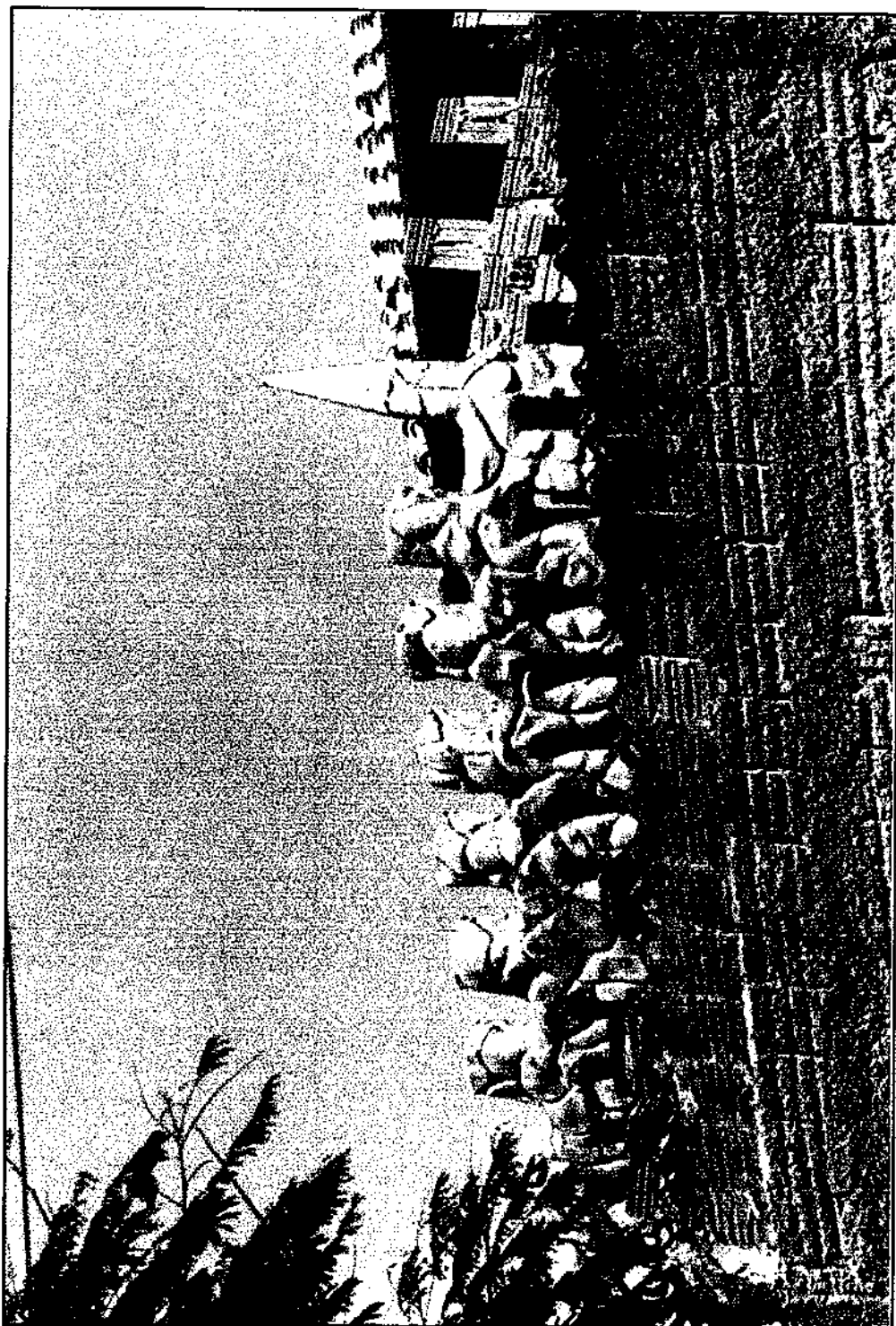


Foto 6

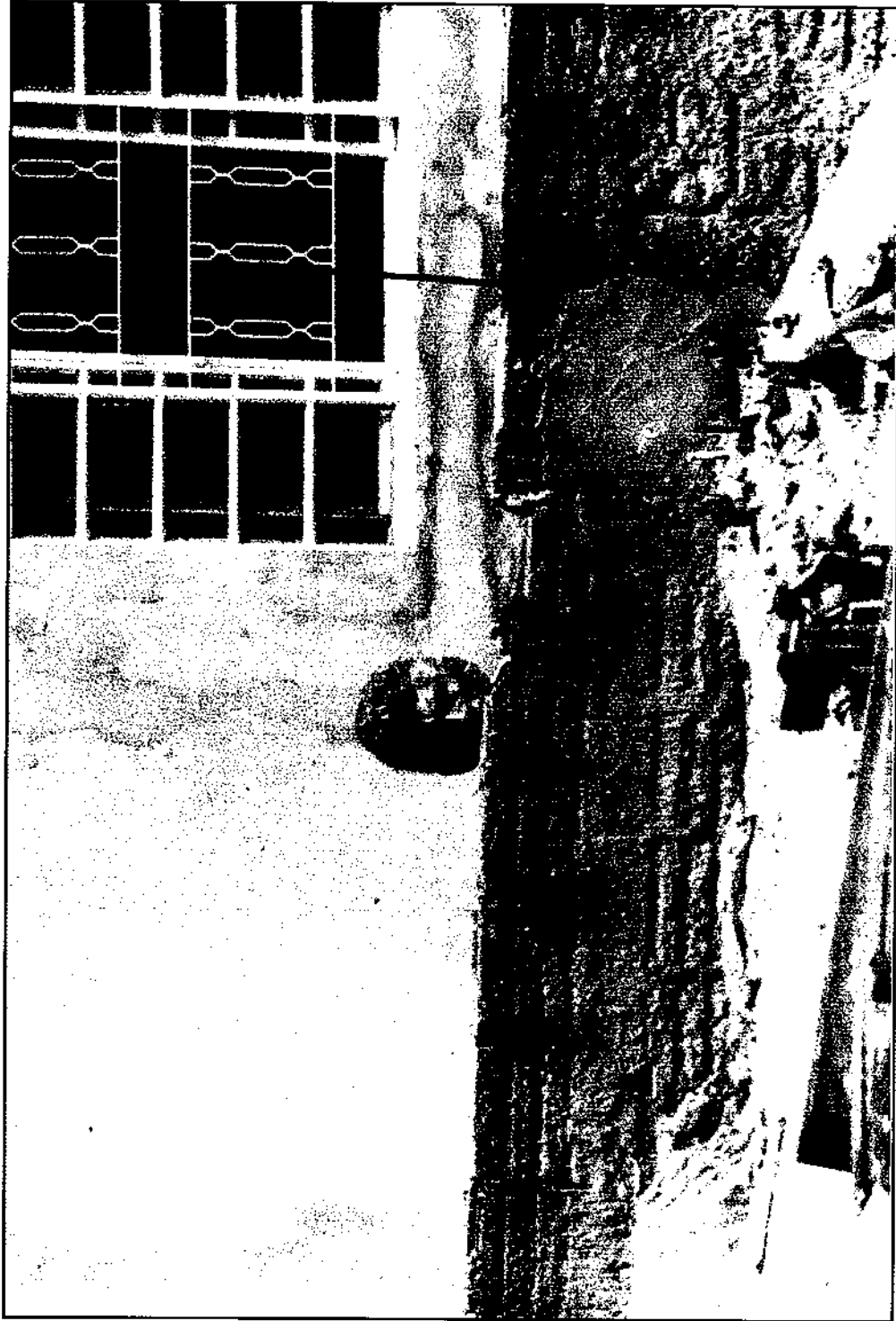


Foto 7



Foto 8

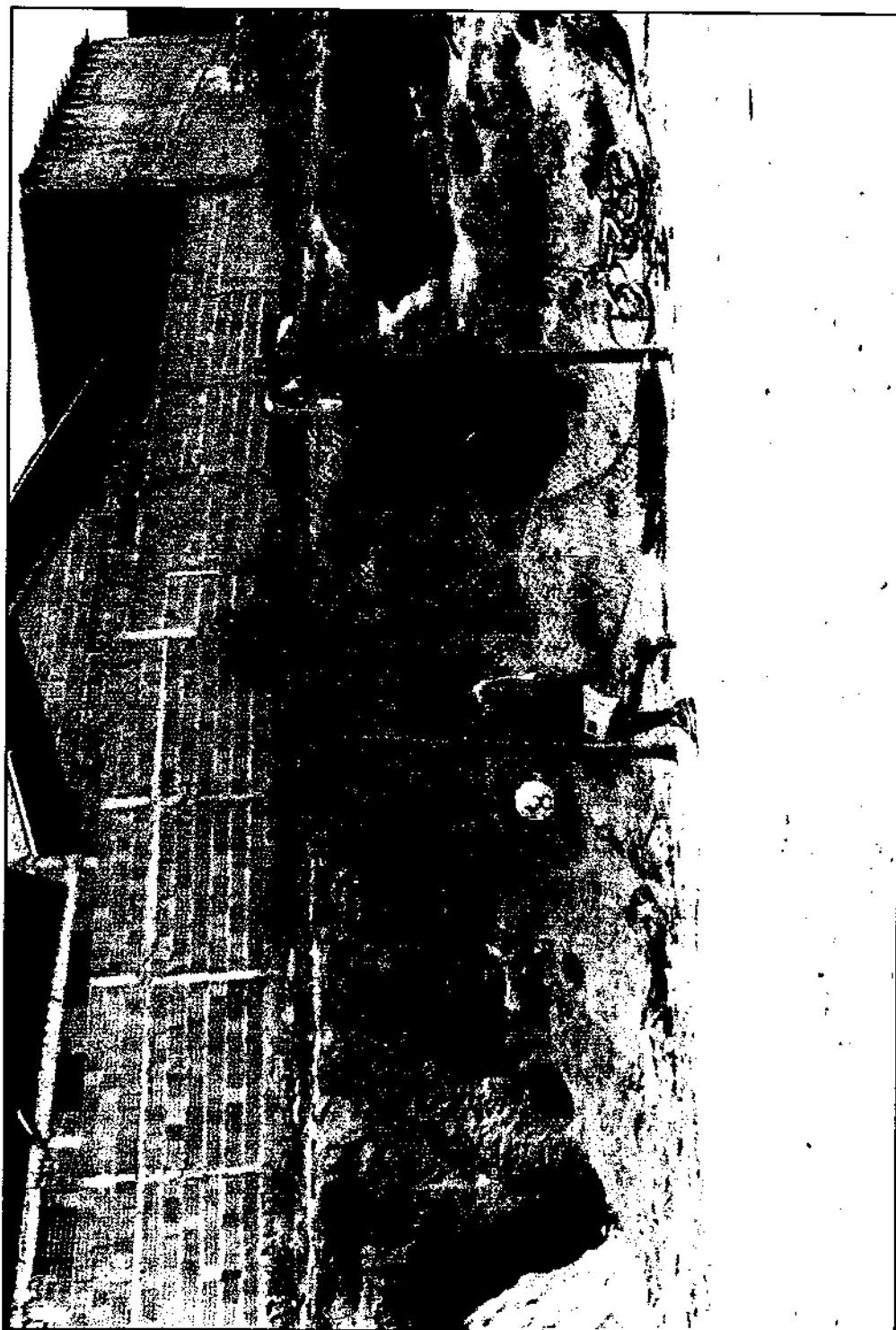


Foto 9



Foto 10

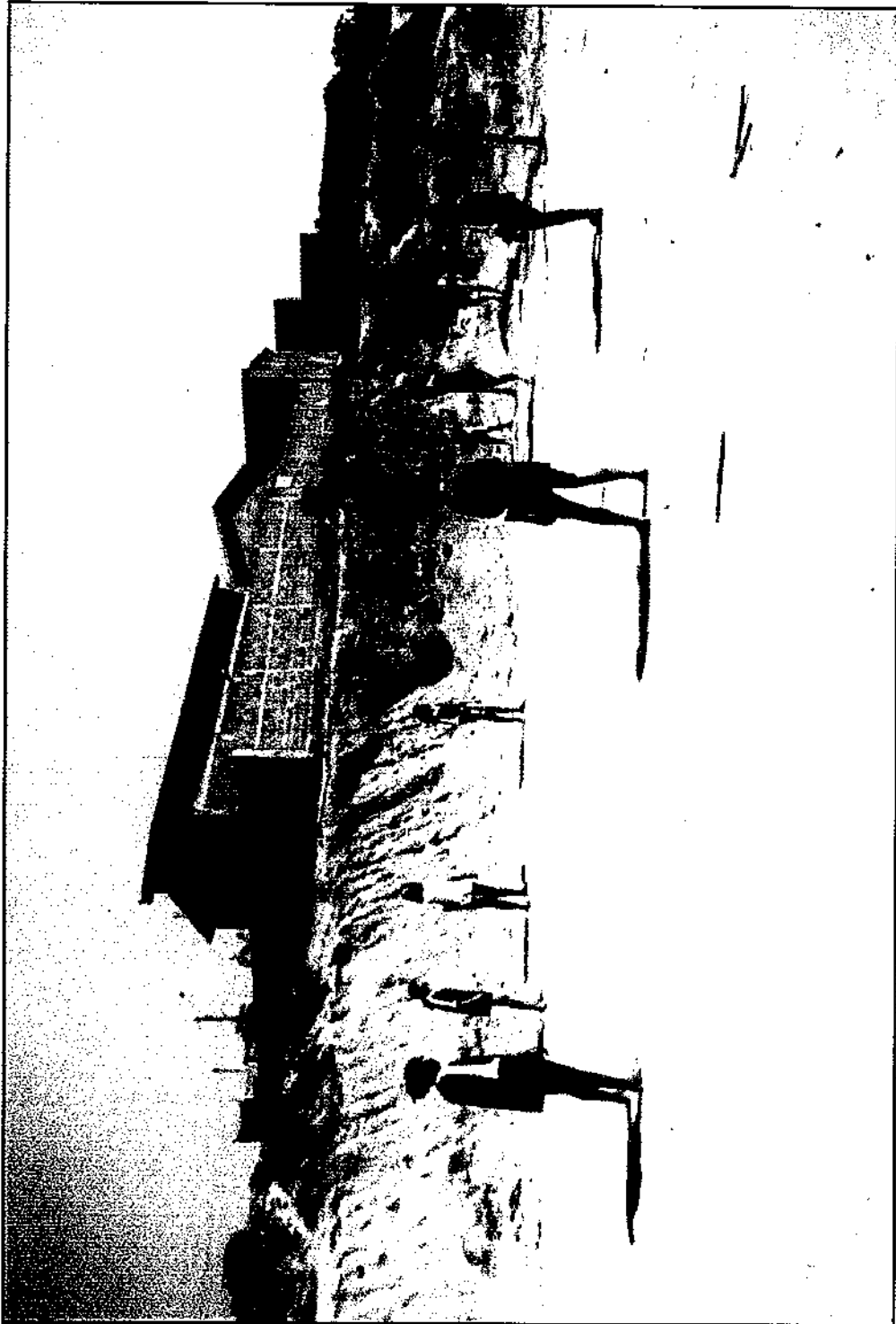


Foto 11



Foto 12

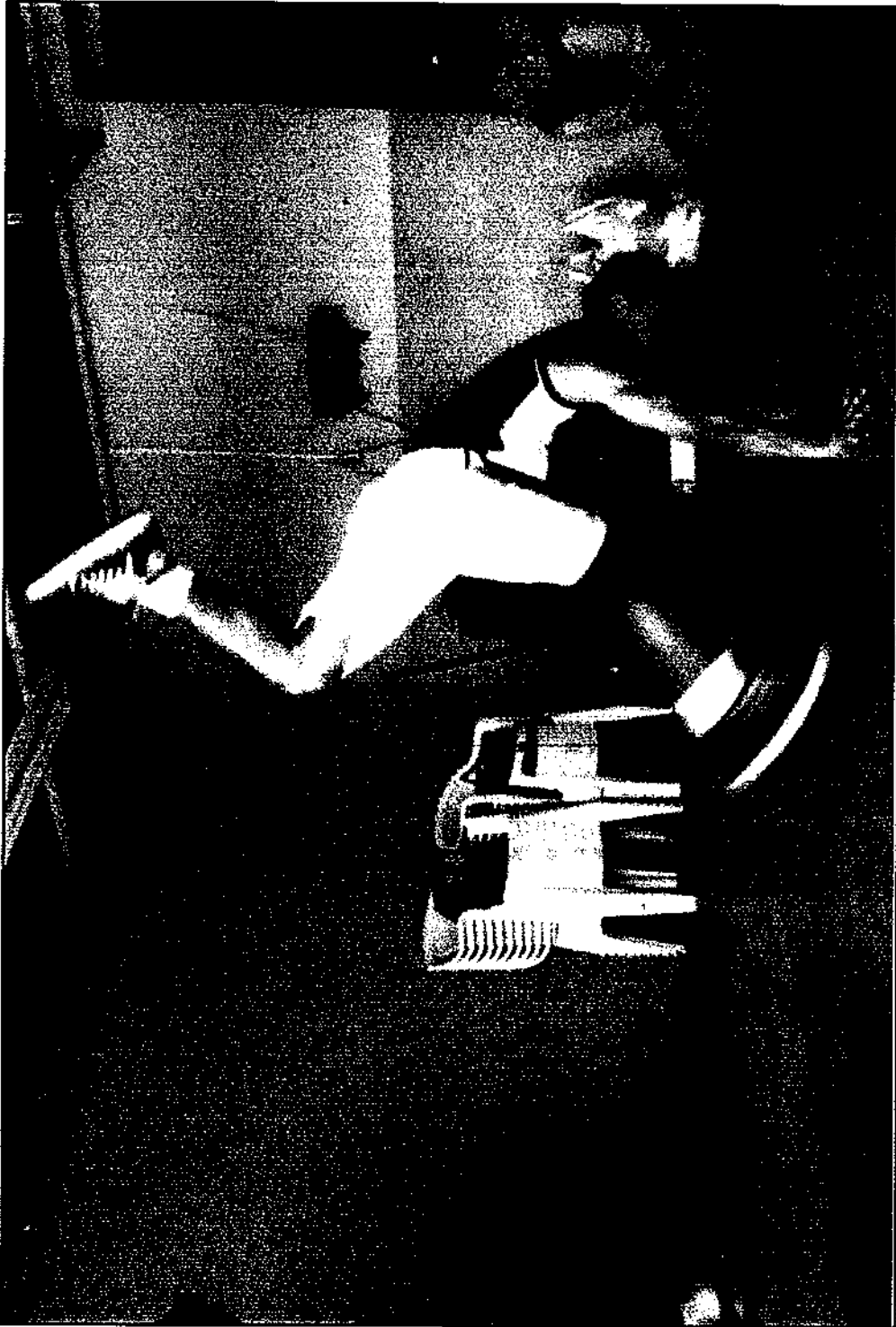


Foto 13



Foto 14

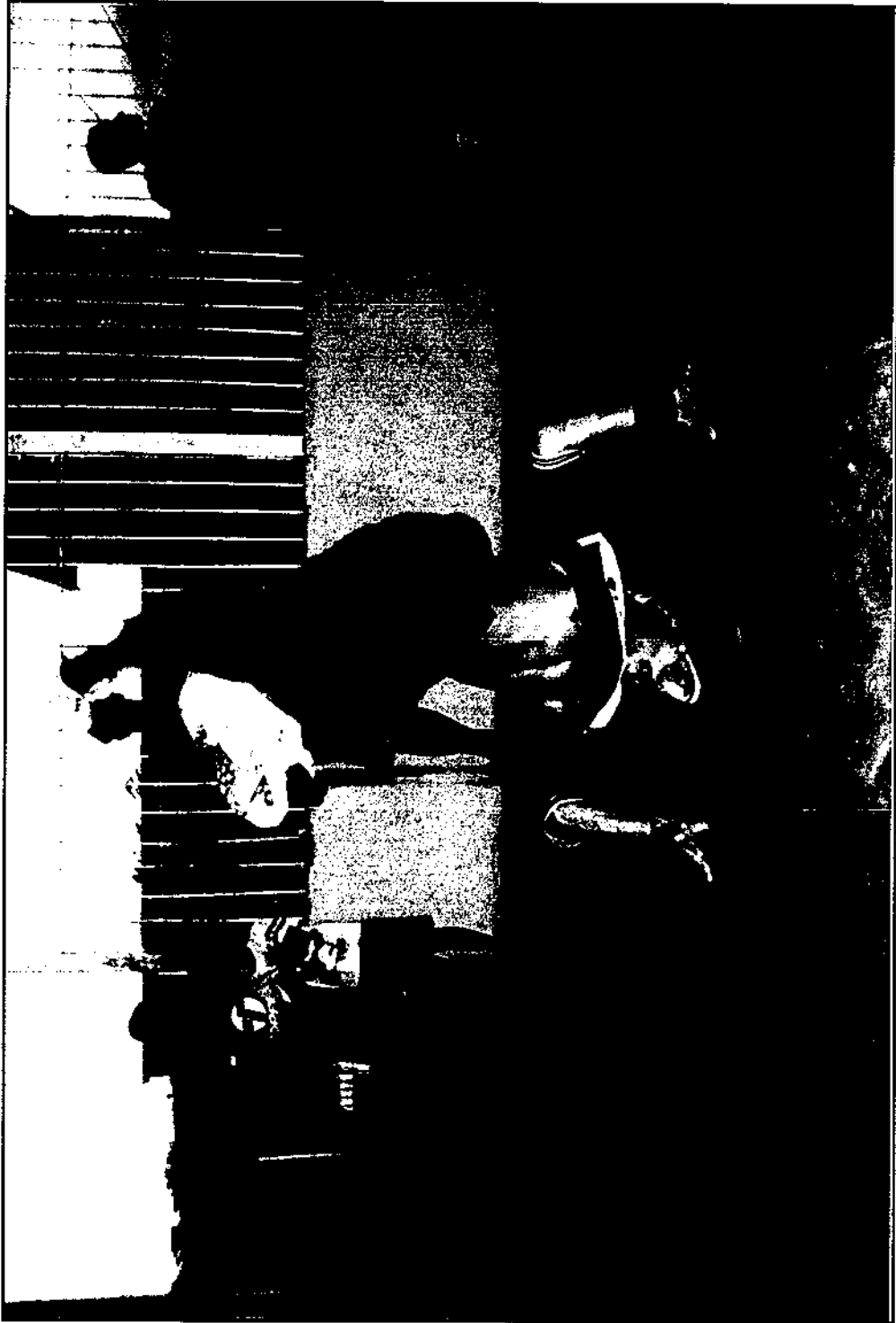


Foto 15



Foto 16

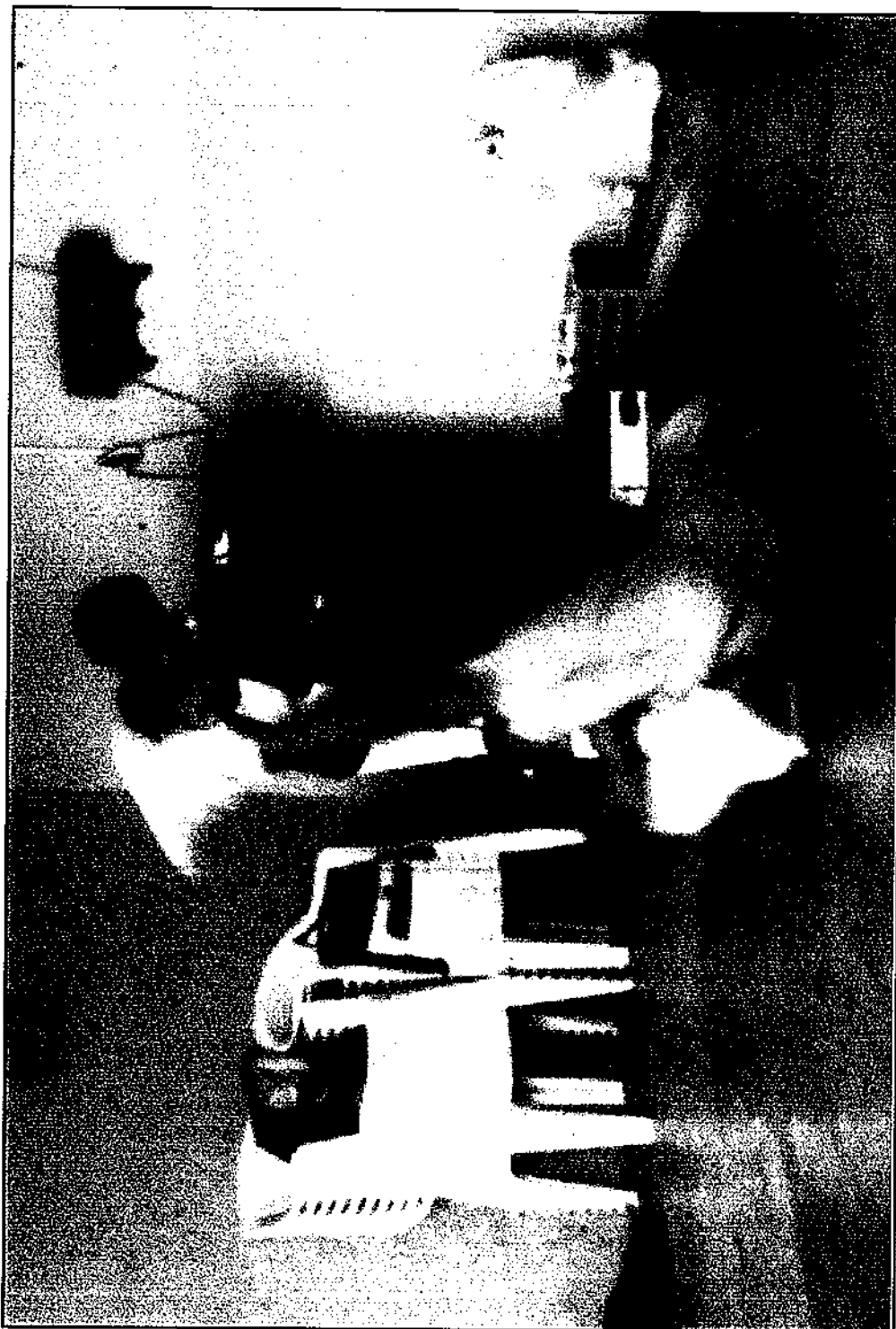


Foto 17



Foto 18

INSTITUTO NACIONAL DE BIBLIOTECA



Foto 19



Foto 20



Foto 21

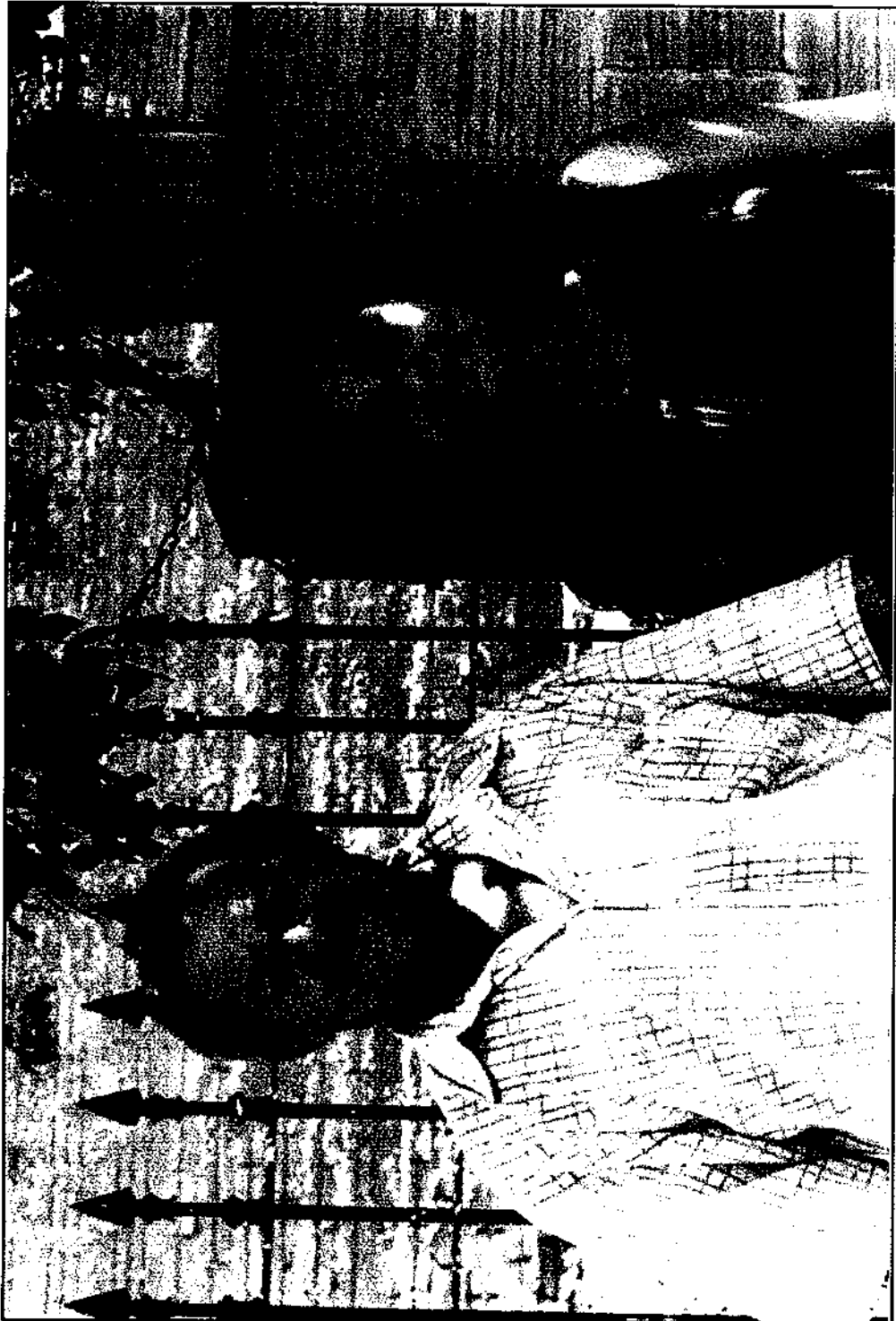


Foto 22



Foto 23

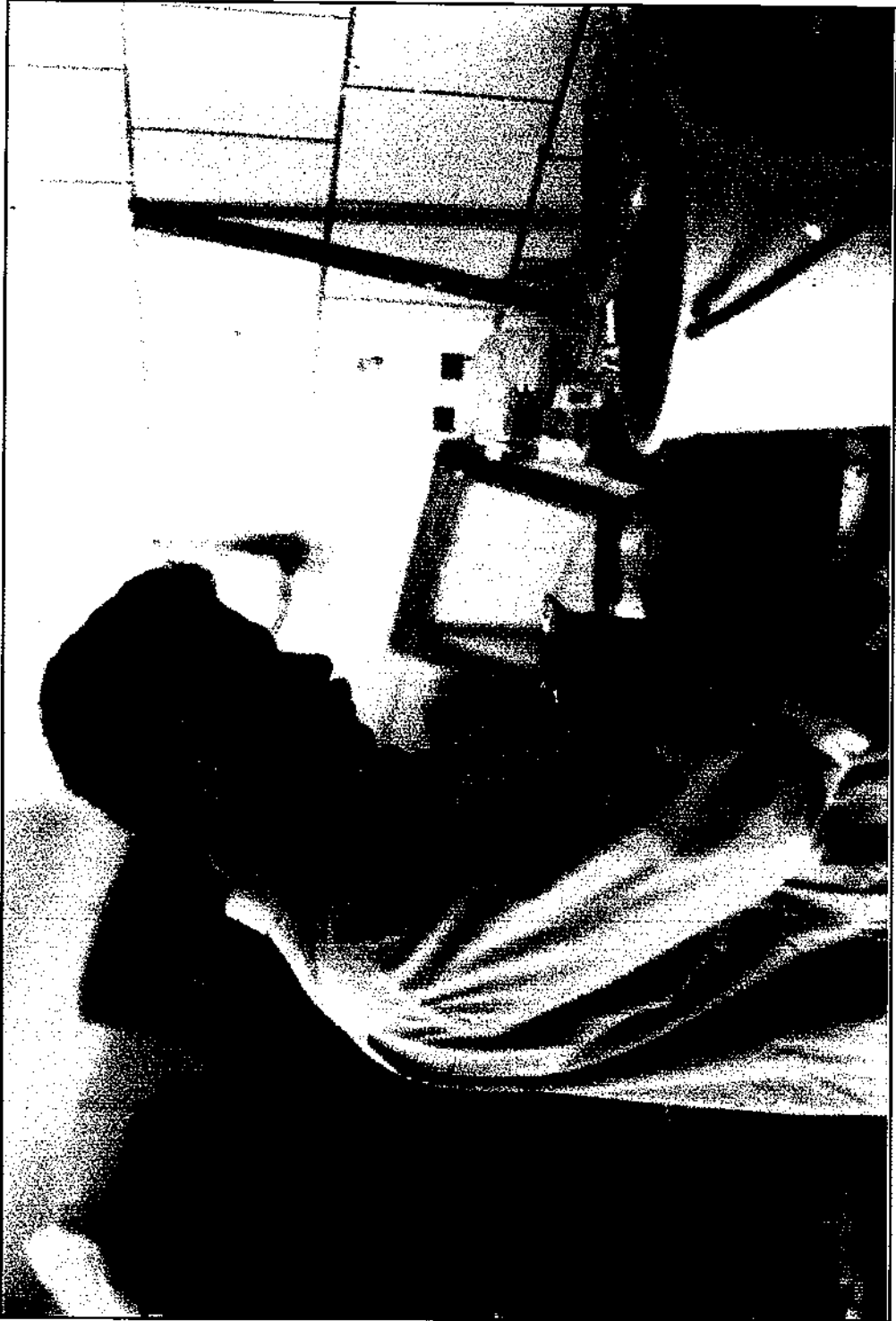


Foto 24

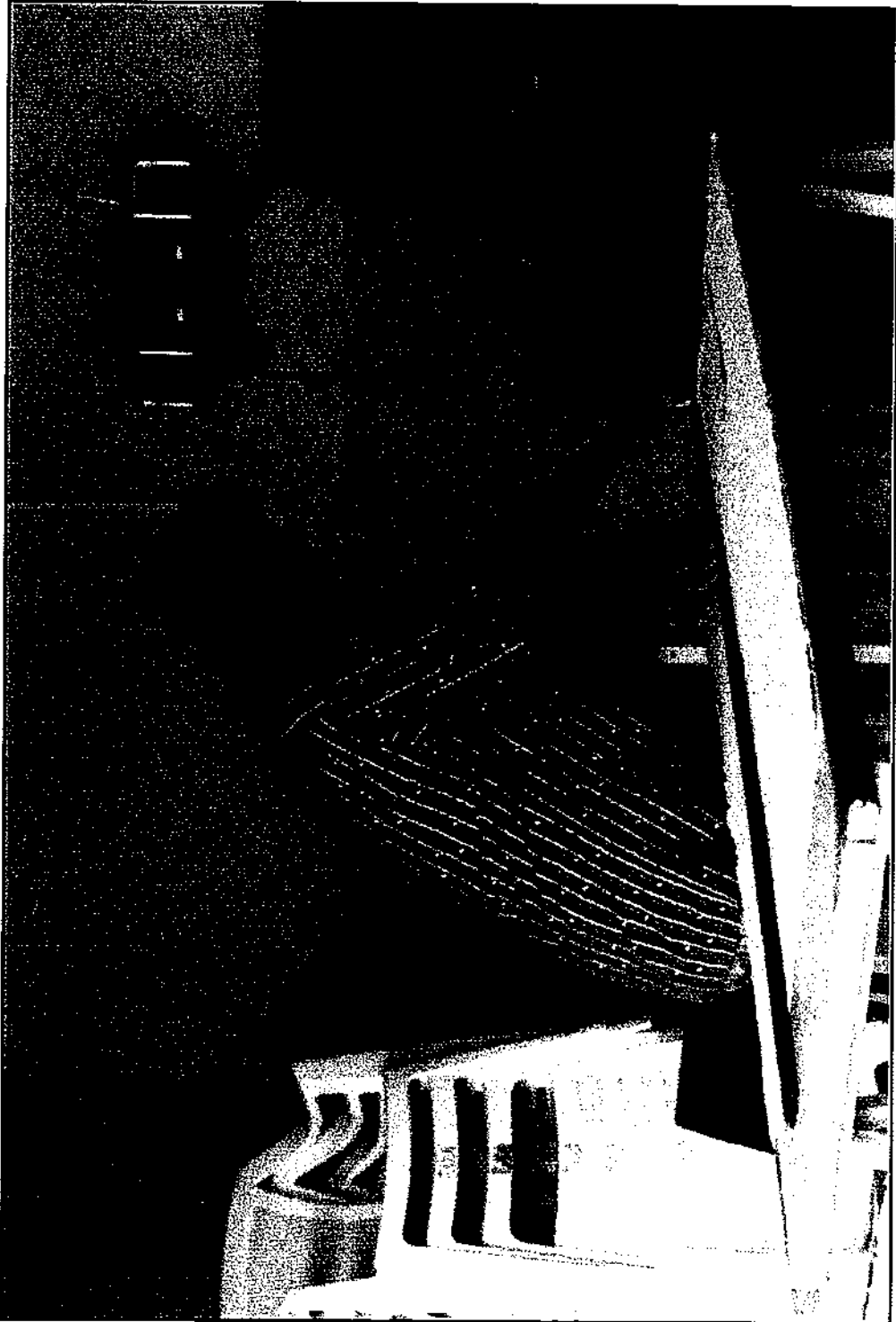


Foto 25

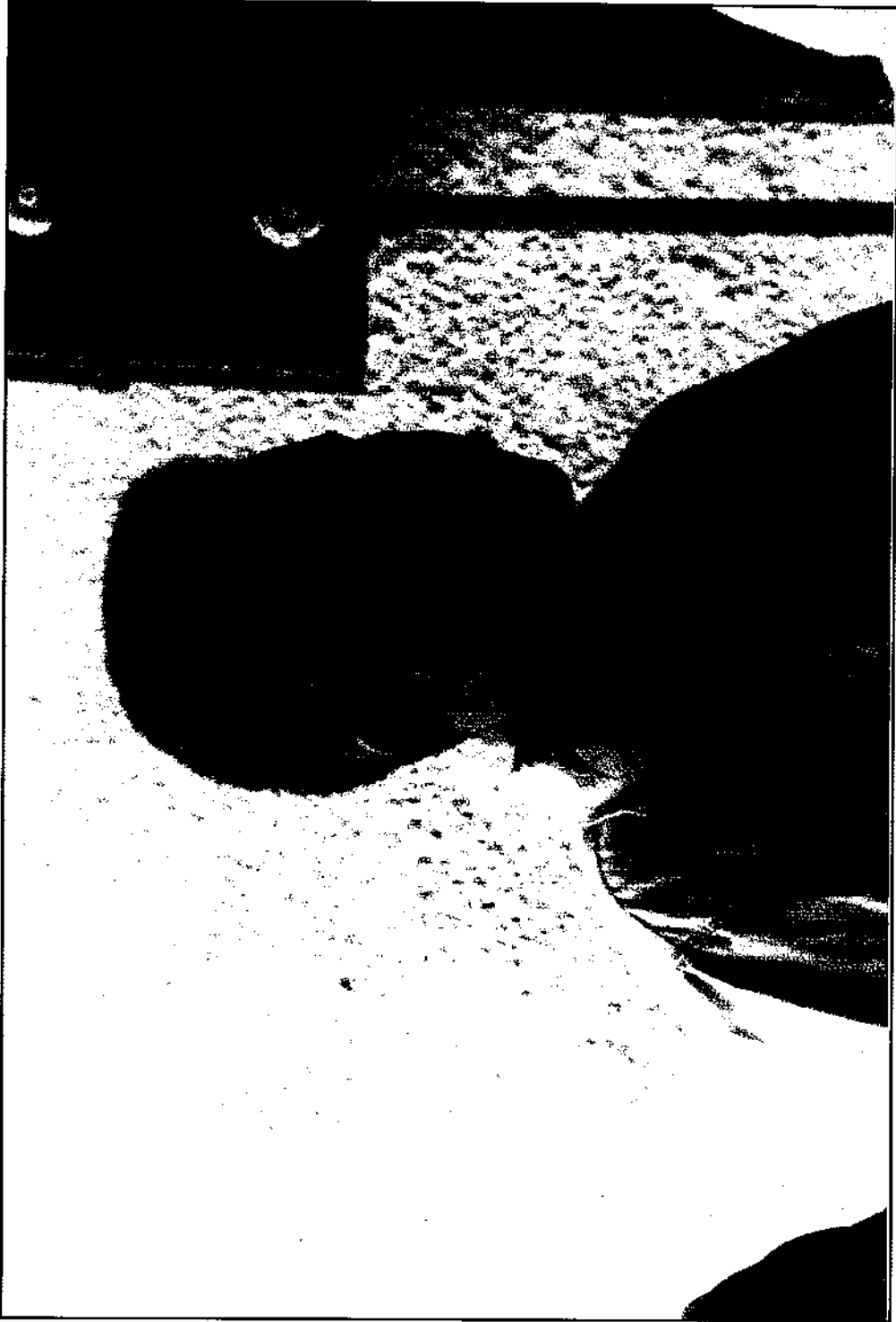


Foto 26



Foto 27



Foto 28

Criação

*Do barro tu viestes,
com ele construístes o teu mundo...*

*No início sozinho,
juntos, depois, tu ti encontrastes na união.*

*Corpo... vai!
Mova-se para novos significados.*

*Com as mãos, pelas mãos,
criastes e transformastes.*

*Tua cabeça pensa!
Quem sou eu?*

*Com as mãos, pelas mãos,
criastes e transformastes.
O teu coração também ama!
O que sinto sou eu?*

*Com as mãos, pelas mãos,
criastes e transformastes.
Tua cabeça pensa!
O teu coração também ama!
Tu És!*

Conquista

Fotografia de uma imagem capturada pelo chão (Foto 1) – foto de uma foto – pelo barro ressequido que quando ainda mole foi percorrido por um pássaro. Esta imagem carrega em si muitos dos significados buscados, meditados e estudados durante a produção deste trabalho. A idéia de potencialidades reveladas pelo barro, que plasma a vida, a forma. Primitivo e árido, como árida é a terra de origem das pessoas que habitam o Satélite Íris. Pegadas de uma trajetória que os leva adiante. Ao mesmo tempo é o 'real' construído, recortado e transformado em novos significados. A foto também é o registro de um tempo congelado, é o que o barro fez, temos presente uma idéia de tempo e movimento, pois sabemos em que direção os passos foram dados, assim como a seqüência deles, um filme que a fotografia transforma em um fotograma só.

A pegada humana (Foto 2). O homem deixa sua marca, torna-se construtor de sua história – esteve ali! Lembra o astronauta que ao pisar na lua olha sua pegada e a registra, ou ao homem que ao caminhar na areia da praia contempla o seu caminho percorrido, esta pegada, perdida na imensidão do vazio, da terra crua (Foto 3) é o registro de uma conquista. Com a terra, o barro, o homem conquista o mundo e constrói sua morada, cria os pilares de sustentação desta conquista pelo ato de sua vontade (Fotos 4), organiza seus pensamentos, padroniza e classifica seu mundo (Foto 5). Identifica-se com sua criação e molda-a com a imaginação (Foto 6). De onde tirou tantas idéias? Sua alma e seu corpo, seus olhos criaram este mundo. Não o estranhe, é seu! (Foto 7).

Pertence

Sozinho defende a sua conquista (Foto 8). Guarda seu mundo dos seus medos e esperanças. Não pode vacilar... Na crueza de sua experiência lança-se para adiante e não se mortifica (Foto 9). Encontra parceiros e adversários em sua jornada, todos em busca dos mesmos objetivos (Foto 10).

Ritualisticamente encontram-se num caminho em que a saída é compartilhar. Compartilhar seus medos e suas esperanças (Foto 11).

Identifica-se com o outro, com aquele que é diferente e ao mesmo tempo semelhante. Deste sentimento profundo de pertencimento, desta união alquímica (Foto 12) é que surge a sua força.

Move

O corpo lança-se no espaço, vencido o medo conquista-se a liberdade. Destemidamente inverte-se a ordem, domina-se a gravidade (Foto 13). O corpo balança, equilibra-se num movimento quase impossível, vacila, todavia com leveza e agilidade prossegue a sua trajetória (Foto 14).

Seria o próprio Atlas, com o mundo na cabeça, sustentando-o com as mãos (Foto 15)? Talvez, cada um a seu tempo, em sua saga, neste mundo redondo que muitas voltas dá, terá de ter sustentado o próprio micro-cósmos. Se não somos deuses somos seus filhos, que como Hércules em alguma ocasião teve de sustentar o mundo no lugar do Atlas.

O corpo que sobe e se lança em determinado momento tem que pousar (Foto 16). É importante saber voltar ao ninho de onde partiu. Aqueles que ficaram por lá precisam da sua história. Ver o que você viu, ouvir o que você ouviu. Compartilhar e comungar, esta troca que só faz sentido se houver o outro. De que vale voar alto se não tem pra quem contar a história? Assim, voltar ao chão é uma arte (Foto 17), é re-significar a vida e o movimento, é compartilhá-lo.

Pensa

Zoom..., do fragmento do seu fazer (Foto 18), da sua particularidade, constrói e oferece ao mundo o que é. Construir, construir (Foto 19), movimento constante, pulsante. Horas constrói-se, outras destrói-se. A palavra também é transformação (Foto 20). A transformação como reflexo de uma atividade inteligente, pensada. Ato reflexionado, meditado, resultado de um conhecimento do tamanho de muitas vidas (Foto 21). Se é o que pensa, se é porque pensa. Um pensamento pensado pelos antepassados, através da própria história pessoal, que ao juntar com o que foi pensado pelos semelhantes encontra sua companheira e deixam sementes de pensamentos para o futuro (Foto 22). Eternizando este contínuo pensar.

Sente

Que fazes? Estas mãos que se movimentam muito rapidamente, transformam, plasmam gestos e significados que a mente não dá conta (Foto 23). Concentração, resultado da ação conjunta do respirar e do pensar (Foto 24). Precisão, resultado da serenidade, noção de eternidade, um simples gesto a riscar o papel (Foto 25). Apreciando a sua obra, descobrindo nos símbolos disformes qual é o sentimento que flui. Sentimento... resultado da reflexão, do pensar e do significar as sensações (Foto 26). Sentimento, através dele expressamos a ternura, o amor (Foto 27).

É

O todo, o conjunto de uma vida e de muitas vidas. A vida é a obra de arte. Construir, sentir o medo e o vencer, estar sozinho e se encontrar no compartilhar, lançar o corpo no espaço e voltar para a terra, re-significar o caminho e com o pensar eternizar-se, respirar profundamente e sentir o coração pulsar calmo e sereno. Íntegro, singular, parte de um todo e ao mesmo tempo o todo. Descobrir Ser (Foto 28).

Voar

Voar pelas alturas do coração

Alcançar os limites

Subir muito além deste chão

Transformar este peso intragável

Em leveza e sutileza de um ser indomável

Ser cosmonauta de um céu

Muito além das pequenas fronteiras deste véu

Viver, voar, libertar

Ser tão livre para somente amar

E amar aquele que sempre voou

Pelas alturas improváveis de seu próprio coração

A produção da imagem

A tendência do expectador de uma foto é procurar uma legenda para saber mais sobre aquela imagem. Não a encontrando quer saber mais informações sobre o lugar, quem é a pessoa fotografada, a época etc. Porém, a imagem em si conta uma história. O que é mais importante e significativo, saber sobre o objeto fotografado ou a própria imagem em seu conjunto e composição? A imagem sem legenda provoca uma mudança no expectador. Instiga-o a sair da postura de curiosidade sobre a imagem para a de observador da imagem. Neste instante ele passa a se relacionar com a imagem através do seu próprio referencial imagético e onírico. Um sentimento emerge gerando novos significados, bons ou ruins, não importa. Neste momento a fotografia se torna arte, saindo da simples captura de imagens do passado para algo que se transforma e interage com o presente.

“A obra de arte não é eterna porque está além do tempo da história ou porque permaneceu materialmente, mas porque aquela tensão presidiu sua feitura e é capaz, com sua aparição frente aos nossos olhos, de nos fazer sentir participantes do sentimento da história humana, como eu e como nós, envolver-nos no tempo-duração.” (ALMEIDA, p:26, 1996)

A fotografia como arte é provocativa, porém uma busca difícil de realizar. Não basta ter uma boa idéia, um bom motivo, uma bela paisagem etc. Para traduzir em arte uma imagem, além da técnica, da idéia e do objeto é necessário possuir um olhar para além do objeto.

A escolha da fotografia preto e branco se dá porque neste tipo de fotografia a imagem não evoca a representação direta da realidade, ela sempre trás a idéia de uma imagem onírica, pela ausência de cores é como uma lembrança de um passado distante. Além de dar mais dramaticidade à imagem.

Ao se olhar uma fotografia com pessoas tem-se a tendência de interpretá-la utilizando-se do texto que normalmente a acompanha. Espera-se saber sobre o lugar, quem eram os personagens, que época. Uma fotografia de pessoas olhando para a câmera gera a sensação para quem

olha a foto de intimidade, proximidade ou familiaridade com os personagens. A estética formal da fotografia estabeleceu o jargão:

“ Não olhem jamais a câmara’ (... da) a impressão de que os pequenos rostos humanos (...) eram capazes de ver-nos. (...) As pessoas entravam nas fotos sem que nada se soubesse sobre sua vida passada, sem nenhum texto escrito que as identificasse. (...) O rosto humano era rodeado por um silêncio em que o olhar repousava. (...) Não estabelecia ainda um contato entre a atualidade e a fotografia”.
(BENJAMIN, p.95 : 1993)

Uma foto sem texto é romper o condicionamento cultural da leitura da imagem, é suprimir a racionalização espaço-temporal.

“Utilizar teorias lógicas e claras para explicar um (...) filme, é acreditar que esse tipo de obra tenha também uma origem lógica e clara, mesmo que não deixe transparecer” (e isso é incompleto)
(ALMEIDA, p.38 : 1999)

A idéia da produção das fotos/imagens passa a se estabelecer na evocação da memória e do sentimento e não da lógica. Isso implica em retirar o objeto do seu invólucro, destruindo ou libertando a sua aura, é na particularidade desta forma de percepção, com uma habilidade aguda de captar o “semelhante” no mundo, que, graças à reprodução da imagem, ela possibilita fazê-lo até no fenômeno único. (Benjamin, p.101 : 1993)

“Ela (a fotografia) liberta para o olhar politicamente educado o espaço em que toda a intimidade cede lugar à iluminação dos pormenores”. (BENJAMIN, p.102 : 1993)

Este trabalho vai justamente atrás destas imagens. Procurar produzi-las sem mostrar o óbvio, sem cair no lugar comum de apresentar uma relação direta com o trabalho sócio-educacional desenvolvido no bairro através da ComVida¹. Isso só faria sentido se a temática fosse outra, por exemplo sobre o desenvolvimento do trabalho da ComVida com os jovens ou algo similar. Para encontrar o tema proposto, um olhar sobre as

¹ Escola de educação não formal na qual trabalhamos.

potencialidades do bairro, foi necessário encontrar outra estética. Esta busca deu-se por quatro vias: a autoria, a construção, o fazer e os detalhes. Cada um com seus significados.

Autoria

A autoria é uma busca da identidade, da história de vida dos moradores. Encontrar elementos que traduzam a dignidade da própria existência do personagem. O status de Ser e Estar no mundo, conquistando e ocupando o seu lugar com integridade e força. Para isso não é necessário ter dinheiro ou posição social elevada, é uma outra forma de Ter. É o “Eu Sou o que sou e Estou onde estou para Ter o que tenho para ser o que Sou”². Forma-se assim o triângulo da existência humana: num vértice o pai, universo ou deus; no outro, a mãe, a terra ou o espírito santo; no último vértice, o filho, o elo de ligação entre o céu e a terra, ou o fruto deste encontro.

“O conceito tradicional de autoria está ancorado na idéia compacta de um autor (um artista) e de uma obra (uma pintura, uma escultura, um romance...) únicos, produzidos por alguém dominando todo o ciclo de produção.” (ALMEIDA, p:18, 1996)

A autoria aqui apresentada é o encontro deste ser único porém com uma obra ao mesmo tempo singular e múltipla, construída tanto individualmente quanto coletivamente.

Construção

A construção é a busca do espaço construído, interno e externo. Edificações, imagens de nós e para nós mesmos. Construídas como vilas medievais, com seus becos e ruelas estreitas, casas com poucos ou quase nada de terreno, as chamadas favelas das periferias das grandes cidades são, em sua maioria, agrupamentos com características estruturais muito semelhantes.

² Citação retirada de práticas da filosofia oriental.

“São necessários dez homens adultos para formar um miniam, um espaço de culto no judaísmo. Não há a necessidade de um templo ou edificação, é através de um grupo de pessoas que se desenha a arquitetura de uma comunidade. Essa arquitetura é entendida como a busca do sentido desse grupo no espaço. O resultado formal, a construção, é mera consequência dos laços, da religiosidade que resulta do encontro.” (VAIDERGORN³, p: 79, 2001)

Estigmatizadas pelo preconceito, consideradas lugares sujos e insalubres, precários e inacabados, estas construções aproximam-se daquilo que os arquitetos chamam de espaço mínimo. Isto é, o menor espaço necessário para o ser humano viver e ter as suas coisas. Os apartamentos da classe média, os populares também, são construídos com este princípio, apertados, pequenos, desconfortáveis.

Porém, ao que nos propomos? O que seria olhar as potencialidades através das construções? Por que este tema dentro deste trabalho?

“Gisela Pankow⁴ (1986), em O homem e seu espaço vivido, cita o magnífico exemplo de Dersu Uzalá⁵. Nesse filme, o personagem se relaciona com seu universo dizendo que tudo é gente, portanto, tudo está vivo, como são nossos símbolos. Derzu, numa cena antológica, constrói, em alguns segundos, um abrigo, possibilitando assim a sobrevivência de seu patrão. Diferentemente deste, o cartógrafo que via o mundo como coisa, como representação, é incapaz de sentir a alma do espaço. Derzu conversava literalmente com seu entorno. Essa experiência marcante de percepção e construção é que permite ao oficial perceber o outro em sua totalidade. Aquele que pode proporcionar segurança, pois seu corpo se relaciona com seu lugar, com a lama dos elementos do espaço.” (VAIDERGORN, p:82, 2001)

³ Arquiteto, professor na FAU-PUC – Campinas.

⁴ PANKOW, G. *O homem e seu espaço vivido*. Campinas: Papyrus, 1986.

⁵ Filme de Akira Kurosawa, 1975.

Possibilita inclusive ao oficial perceber-se, a si mesmo, em sua totalidade. As construções arquitetônicas são representações do referencial imagético humano. Constrói-se a partir das imagens de edificações que se possui. Imagens do que foi visto, lembranças do passado, sentimentos e significados que constroem o presente. Assim os moradores levantam suas casas. Sentimentos de conforto, segurança, um refúgio para os proteger do mundo. Para cada um as construções são o reflexo e expressão dos seus valores e desejos. Há aqueles que produzem beleza em cada detalhe e isso tem um significado profundo de ligação entre a natureza e suas vidas.

“A arquitetura popular⁶ é feita pelo povo e para o povo, o qual aqui designamos como as classes mais excluídas e mais modestas da sociedade. Ela não segue os cânones da academia e não se submete a tratados, regulamentos ou convenções. A arquitetura popular é geralmente feita pelo homem iletrado e pobre, cujo conhecimentos, métodos e técnicas são adquiridos na prática de suas construções. É a sabedoria popular do não-arquiteto, que não teve acesso à educação formal em escolas e universidades, mas que produz um patrimônio edificado de grande importância artística e cultural.” (BRASIL, 2002)

As construções acima de tudo refletem o espírito humano. São passíveis de definir o estado de humor e a qualidade de vida de seus habitantes. A arquitetura organicista às qualificam de cristalizações do estado de espírito humano. Uma construção bela e harmoniosa produz um ser humano belo e harmonioso e vice-versa. Isso não quer dizer luxo e riqueza.

“Rubens Alves, em um artigo no Correio Popular, fala das casas que ‘emburrecem’ e das casas que nos fazem mais inteligentes. Cita o psicopedagogo israelense Reuven Feurtein e sua pesquisa sobre a qualidade dos ambientes e a influência das características espaciais na transformação de pessoas com síndrome de Down e na adaptação de crianças vítimas do holocausto, da imigração e do choque cultural

⁶ Artigo da Prof. Dr. Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti-Brendle

em Israel. A estimulação espacial faz com que essas crianças conscientizem-se de seu corpo vivido (ou seja, da natureza siumbólica do seu ser) e vivenciem seu espaço vivido (a natureza simbólica do espaço).” (VAIDERGORN, p:81, 2001)

A saúde e o equilíbrio emocional dependem também da forma das construções. Então formas internas e externas são uma reflexo da outra. Há construções que através do uso de materiais simples expressam beleza e harmonia, o que não quer dizer luxo ou riqueza; o belo não depende destes.

“Como diz G. Bachelard, ‘a casa é o nosso canto do mundo, nosso primeiro universo, um cosmos e até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela’. Essa evocação das coisas simples expressa com sutilidade a amplitude da espacialidade. Cada elemento de nosso cotidiano, a casa, a rua, a água, a luz, evoca a comunhão da lembrança com nossa imaginação vivendo sua realidade e sua virtualidade através do pensamento e dos sonhos.” (VAIDERGORN, p:82, 2001)

Sutilidades e imaginação que sofrem com a pressão da homogeneização cultural. A mídia, principalmente revistas e televisão, impõem junto com as corporações voltadas para a construção civil um modelo de consumo desejável por todos. Criando uma forte padronização, padronizaram as janelas, as portas, as telhas, os tijolos, as louças etc. Mas, mesmo contando com todos estes determinantes, podemos encontrar algo que se opõe e foge a esta homogeneização. Que expressa o novo, a arte e a graça, ou, por outro lado, uma estética própria, não convencional.

Fazer

O fazer humano, atividade inteligente, pensada, labutada, prazerosa, irrefletida. Pelos corpos, pelos pés ou pelas mãos. Velhos e calejados, novos e sem marcas. Nossos corpos, nossas mãos e os nossos pés são os grandes produtores da história e cultura humana, bem como tornaram-se o que são pela história.

“Como nosso corpo, que não é somente a expressão biológica do nosso ser atual, mas a expressão significativa da história do corpo do homem

entre os homens. Cada homem é, em si, a história do Homem, resíduo e vestígio de sua longa e plural história.” (ALMEIDA, p:19, 1996)

As mãos labutam, operam, tocam um instrumento. Mãos constroem e destroem. Quem decide qual será a ação futura de uma mão? Tem mãos macias, bem cuidadas, tem mãos rudes e toscas, cheias de marcas de sua história. Mãos habilidosas na caneta e no teclado de um computador, nos cálculos financeiros de uma calculadora. Mãos criadoras e habilidosas do cirurgião, mãos que criam bombas e as mãos que apertam os botões que as explodem. Mãos desajeitadas para operar os teclados do mundo moderno. Mãos que se afastam da escrita por estarem duras demais para algo tão delicado. Mas mãos, que acima de tudo, transmitem, expressam sentimentos e podem em qualquer circunstância se abrir, amparar e acariciar.

Os pés nos levam para qualquer lado possível. Simples, obedientes, às vezes refinados, muitas vezes calejados, cascudos. Quem está no comando? Os pés traçam o destino, dão a sustentação ao ser no seu caminhar quase infinito. Desde os tempos perdidos na lembrança, esfumaçados pelo esquecimento do dia em que pela primeira vez se pôs de pé, até o dia que não mais se erguerão e tombarão junto com seu império perante a morte. Por onde andaram? Por quais caminhos trilharam a sua senda? Tal qual deuses se impuseram ao mundo, pisaram, chutaram, superaram o frio e o calor, a água e o deserto. Apesar de pequenos levaram o homem a construir um mundo.

O corpo, expressão de harmonia no movimento, na beleza de suas formas, mas muitas vezes formados por outra forma e ajeitados de outros jeitos. Corpo jovem, corpo velho, o desabrochar e o testemunho, a brincadeira e a contemplação. Histórias sem fim de nascimento, crescimento e morte. Potencialidades infinitas expressas no por vir, potencialidades concretizadas na síntese de uma longa vida vivida. Em todos, o corpo expressa suas angústias, seus medos e suas alegrias. Mas, o mais incrível de tudo é que o corpo é a vida, o sentir, o pensar e agir neste mundo.

Ao encontro destas alegorias presentes no corpo, no fazer humano, é que situamos este olhar. À procura destas imagens, com seus encantos e

magias naquilo que os torna mais humano, quer na brincadeira, quer no trabalho, que é viver.

Detalhes

Vinhetas do cotidiano, despercebidas ao olhar comum pela pressa e pela atribulação da vida, mas estão ali. Quietas, provocando imagens instigantes, desconcertantes.

Construir casas, pintar paredes, por fim, apreciá-las. Assim acontece com os edifícios, móveis etc. Porém, um prego, um simples prego numa parede quando bate o sol ao entardecer projetando a sua sombra, deixa de ser um prego, recria sua própria imagem em algo original; vira uma obra de arte.

Quantas vezes passamos por um poste com seus fios horrorosos a enfeitar uma rua? Mas quantas vezes percebemos a beleza de suas linhas geométricas construindo uma realidade virtual nova?

E aquela porta pela qual passa todos os dias, a conhece bem? Já reparou no contorno da maçaneta? Ou naquele canto da almofada da porta? Estas imagens, padrões geométricos, formas disformes, formas do acaso, tanto os pequenos detalhes quanto os grandes, criam e recriam as formas e os padrões. Encontramo-las freqüentemente mas na maioria das vezes não as reparamos. Assim são as vinhetas esquecidas, perdidas no subconsciente, mas presentes todos os dias e em todos os lugares.

O que foi produzido

Descobrir as potencialidades desta comunidade foi descobrir não só uma estética diferente que respondesse, ou desse conta, ao trabalho proposto, foi um processo de mudança interna, de conceitos mentais, um deslocar-se do lugar comum dos vícios do assistencialismo, da piedade ou da caridade que ainda existiam, quando pensava-se já estarem superados.

As fotos foram tiradas durante o trabalho junto à comunidade do bairro na escola ComVida, bem como na pesquisa das imagens dos detalhes que fogem ao olhar distraído, mas presentes no bairro. As diversas fotos propiciaram que, a partir das cenas obtidas, fosse recriado o sentido

destas na tentativa de romper a racionalidade e a dureza do mundo concreto. A experiência foi a de não responder ao óbvio, fugir do jornalístico e do informativo como imagem. Procurou-se encontrar na imagem a própria autoria daquele lugar e não a caricatura ou representação imagética esperada pelo expectador.

Já o ensaio escrito tem a intenção de levar o leitor a uma viagem pelas imagens fotografadas, porém através da imagem literária, não sobre a técnica da fotografia ou do trabalho realizado no bairro. É apresentada aqui a imagem como alegoria, como é vista em sua essência. O que certamente não é literal, e não necessariamente correspondente com as fotografias expostas, mas com o espírito que procuramos atingir ao produzi-las.

Ao estudarmos as fotos produzidas aqueles quatro olhares, ou vias, se misturaram. Individualmente cada uma desta categoria não trazia o contexto imaginado. Serviu como uma base para se produzir as imagens, mas não definiu o trabalho final em si. Com todas as fotos juntas, a procura de um sentido e significado tinha que ser encontrado. Aos poucos fomos identificando personagens, um fio condutor num movimento, uma seqüência, sem linearidade, mas que contasse uma história, que tivesse força própria.

Fotos tiradas em momentos diferentes, seguindo critérios diferentes, algumas vezes premeditadas, outras mais casuais, quando juntas contaram uma história que se tornou visível. Revelaram a história do olhar do fotógrafo, uma história ainda desconhecida na forma, mas que estava plasmada nas entranhas deste.

O narrador fotográfico

Temos um personagem narrador por trás da história contada por uma foto. Não é a imagem que nos conta a história e sim o narrador que está oculto no trabalho final. Porém, como toda história, as compreensões e significados são múltiplos. Aquilo que para uma pessoa é significativo em um texto pode não o ser para uma outra. A mesma coisa acontece com a foto, os diversos símbolos presentes trazem significados diferentes para o expectador. A imagem evoca representações internas diferenciadas pelas experiências de vida de cada um.

“Um intervalo em que a ilusão de ser único tenciona a ilusão de ser histórico”. (ALMEIDA, p:38, 1999)

A fotografia recorta a realidade, não é a própria realidade. Com esta idéia de recorte podemos afirmar que ela expressa, não necessariamente, uma parcela da realidade; uma fotografia é sempre uma montagem. Montagem esta produzida artificialmente ou não. Podemos escolher um ângulo, uma luz, um momento, um objeto e um recorte. Tudo isto pode ser acidental, premeditado ou provocado.

Estabelecemos assim as bases deste trabalho de captura de imagens através da fotografia: Toda foto é algo singular, um recorte da realidade produzido e montado por aquele que está atrás da câmera.

A imagem produzida tem que expressar alguma inquietação, ela tem que falar por si mesma sua história e seus mistérios. O narrador oculto tem que estar presente contando uma história que necessariamente tem que ser “escutada” por quem vê a imagem pronta. É claro que cada um “escuta” a imagem de maneira diferente, mas a imagem a provoca e a modifica.

“Mas na fotografia surge algo de estranho e de novo (...) preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo (...), algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali (a pessoa que foi fotografada), que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na ‘arte’”. (BENJAMIN, p:93, 1993)

Entre a imagem que compõe o olhar do fotógrafo e o ato paralisado daquele que é fotografado podemos dizer que se situa a busca desta obra. Como diz Almeida:

“Observe: em cada quadro, há gestos em suspensão no seu trajeto, ações paralisadas em meio ao seu desejo de consecução. Todas as cenas são instantâneos tirados em meio à vida e não poses”.
(ALMEIDA, p:37, 1999)

Instantâneos tirados meio à vida, cenas que traduzam a própria vida, os afazeres, o como se vive e onde se vive, mas sem querer reproduzir o real concreto e linearmente.

“Só vimos que há muitos detalhes que se repetem, mas não são suficientes para compor a narrativa omitida ou esquecida entre os quadros e dar inteligibilidade à história. No máximo servem para uma identificação perceptiva elementar, como o faríamos frente a uma escrita de imagens-signos desconhecida ou a uma fotografia, sobre a qual, sem informações, somente poderíamos perceber as roupas, os gestos, certos costumes, mas não a vida, a história. Como, então, se entender uma história longa em apenas cinco cenas?

É entre os quadros, no silêncio visual da passagem de um para o outro, no que não se vê, que acontece a significação do que é visto”.
(ALMEIDA, p:34, 1999)

O presente trabalho é uma tentativa de transportar para o papel aquilo que está além do linear, quer mental ou temporal, para além da reprodução visual familiar, comum, assim como encontrando no inusitado a tradução da poética do olhar, do pensar e do sentir.

“A natureza que fala a câmara não é a mesma que fala o olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. (...) Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional”. (BENJAMIN, p:94, 1993)

É a partir de uma seqüência, que não se preocupa com a linearidade, que a construção da idéia vai sendo estabelecida. É a partir do que não está explícito, do que não faz parte, e, ao mesmo tempo, do que faz parte, dos signos presentes em cada imagem é que um novo real vai sendo construído. Este é o trabalho do narrador, a história vai sendo construída

“ (...) no sentido da narração, a primeira cena só vai ter sentido ao dar significado à seguinte – o significado da cena que eu vejo (no presente) está na seguinte (no futuro) que quando eu vejo torna-se presente e aquele futuro focou no passado (...)” (ALMEIDA, p:34, 1999)

Um jogo de memória no qual o que está revelado se completa por aquilo que já foi conhecido na imagem anterior. A construção das potencialidades, da essência, da particularidade e do plural condensado em imagens não lineares, mas que vão se colando tendo seus espaços preenchidos pela memória do passado e pela provocação de um futuro.

O objeto em foco:

Criadas as definições necessárias e demarcado o território estético e conceitual. Apresentamos o bairro em seus aspectos objetivos e o porque este foi escolhido para o trabalho. Conscientes das inquietações mentais e da curiosidade humana, não poderíamos deixar de falar destes aspectos. Demonstrar as potencialidades de um bairro e de uma população economicamente e socialmente desfavorecidas não seria possível se introduzíssemos o trabalho já enquadrando-a nos conceitos e preconceitos comumente convencionados.

Assistencialismo

Desenvolvemos há mais de três anos um trabalho com a população de baixa renda em Campinas no sentido de despertar e ampliar as potencialidades criativas e de trabalho de cada pessoa que participa dos cursos e encontros. A aproximação deste objetivo tem se dado através de atividades artesanais e de reuniões que organizamos. Temos aos poucos trabalhado a cidadania, a valorização pessoal, a solidariedade. Fundamentalmente a solidariedade, sem ela não é possível transformar a condição de vida desta camada da população, excluída do poder, do dinheiro e do consumo pela vida individualista da sociedade capitalista.

Formando pequenos grupos de trabalho, uma pessoa ajudando a outra, sejam nas suas dificuldades, seja no compartilhar suas dores e alegrias. Mas, o mais importante, sempre trabalhando com as potencialidades, nunca com as carências. Atender as carências é uma luta inglória, sem fim. Ajudá-los a encontrar suas potencialidades é ajudá-los a caminhar pra frente, é ajudá-los a encontrar um caminho possível de se viver com dignidade e com futuro. É ajudá-los a reconquistar a auto-estima.

Trabalhar com o assistencialismo é justamente o oposto do que estamos propondo. O assistencialismo é calcado na culpa, na caridade. A milenar necessidade de expiar a culpa, imolar em sacrifício para aliviar os pecados e apaziguar os deuses; ou Deus.

Hillman descreve três maneiras de lidarmos com o que ele chama de “ala crônica”.

“Em primeiro lugar podemos concordar que a área crônica é defeituosa. [...] Em segundo lugar, podemos encarar a área crônica como amaldiçoada. [...] Em terceiro lugar, poderíamos imaginar o lugar da irremediável desordem como santuário de um Deus... [...]

Cada uma dessas maneiras de encararmos a ala crônica implica ‘modos de lidar com ela’.

O primeiro deles é o heroísmo: vamos entrar lá dentro e fazer alguma coisa. [...] (Para o segundo) é a supressão heróica. O crônico é aceito como é: incurável, portanto não percamos tempo com ele. [...] Podemos chamar a terceira forma [...] de assistencial. Aqui está a principal abordagem moderna, uma fantasia de mediocridade humanista, de bondade e praticidade democráticas. [...] A assistência falha ao não perceber que o crônico é uma forma diferente, servindo a outros deuses. [...] Por esta razão podemos aprender com eles.”
(HILLMAN, p:31, 1993)

A nossa proposta é a de buscar sociabilizar as possibilidades humanas. Alcançar a liberdade e a autonomia do destino humano, individualmente e coletivamente. Tomar nas próprias mãos o poder de ser e viver.

A ComVida

Recentemente recebemos a ajuda de uma instituição para adquirir um terreno e implantar formalmente o trabalho, criar uma escola de vida, um centro de crescimento. O bairro escolhido foi o Jardim Satélite Íris I, a escolha se deu a partir de uma orientação da Secretaria de Assistência Social de Campinas, por ser o bairro com menos presença de aparelhos da Prefeitura e de entidades assistenciais e educacionais. Passamos a nos reunir com os líderes da comunidade de bairro numa sala do Centro Regional da Assistência Social da Prefeitura localizado perto do bairro, mais propriamente na avenida que é o corredor de acesso para os bairros desta

região. Através da ajuda destas lideranças, que nas reuniões iniciais nos pediram para levarmos o trabalho para mais perto deles alegando que seria muito difícil levar pessoas para qualquer trabalho num prédio da Prefeitura, já que eram muitos anos de promessas e pouca realização. Neste momento estamos com um galpão de 60m². A ajuda se deu pela intermediação na compra do terreno, o dinheiro nós já tínhamos, mas sempre que íamos comprar ou era muito caro, ou a documentação estava errada, sendo eles da própria comunidade o preço foi justo, e, neste caso, a documentação saiu rapidamente. Neste local estamos iniciando uma nova fase no projeto, com novas pessoas participando e novos colaboradores. A partir deste ponto surge a ComVida – Escola de Valores Humanos, Profissionalização e Cultura.

Temos trabalhado com a população deste bairro há alguns meses, e ao iniciarmos este trabalho o que mais nos impulsionava e instigava era trabalhar com as potencialidades da população. Transformar este olhar das potencialidades em imagens fotográficas foi um desafio de grande contribuição ao projeto da escola.

O local:

Ao entrarmos no bairro também entramos em contato com suas histórias e características. Descobrimos que está organizado por duas formas de ocupação, uma que é chamada de regularizada, são terrenos com escritura e proprietários. A outra chamada de núcleo residencial, a maior parte da população local aí reside, são casas construídas em terras da prefeitura de forma desorganizada.

Aprendemos com os moradores um pouco da história do bairro. Formado por um loteamento do início da década de 50, sendo afastado do centro da cidade e, mais tarde, por estar próximo de um lixão, os terrenos quase não foram vendidos, ficando esta área esquecida pela população e pela administração. Com o crescimento da cidade e da população esta região acabou sendo habitada pela população mais pobre.

As casas são em sua maioria de alvenaria, sem reboco pelo lado de fora, com partes inacabadas, com água encanada e luz, muitas vezes ligações clandestinas, mas sem rede de esgoto. A maioria das crianças e

dos adolescentes estudam nas escolas do próprio bairro, uma de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, e a outra de 5ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Encontramos alguns alunos que têm de pegar ônibus para ir à escola em outros bairros. Como praticamente não há pré-escola no bairro, são atendidas 200 crianças em pré-escolas, sendo 80 pela prefeitura, são muitas as crianças pequenas a brincar pelo bairro. O bairro também não tinha posto de saúde, juntos conseguimos sensibilizar a Secretaria de Saúde e foi recentemente inaugurado um Módulo da Família, com atendimento diário. Fizemos várias reuniões entre a população e a Secretária Adjunta e os resultados têm sido bastante efetivos.

A população:

Fizemos um levantamento da origem desta população, suas histórias e suas habilidades. A maioria é de migrantes, muitos dos quais nordestinos. Diversas crianças são nascidas no sudeste, mas não necessariamente em Campinas. Os adultos possuem a formação escolar mínima, ou seja, até a quarta série; o antigo primário, mas ainda existem aqueles completamente analfabetos. Solicitamos junto à Fumec (ensino supletivo da Secretaria de Educação) e criamos duas salas com 20 alunos cada, é muito estimulante o envolvimento dos adultos, como faz diferença assinar um papel ao invés de marcar um X ou por o dedão. As famílias em sua maioria são compostas de casais com uma média de dois a três filhos morando em casa. Não encontramos desagregação familiar, apesar de existir, percebemos que não é uma situação desejável pela população.

Em sua maioria, os adultos estão desempregados. Vivem por conta própria fazendo "bicos". Seja vendendo ambulante na rua (sorvete, salada de frutas, objetos etc.), ou fazendo serviços gerais de pedreiro, pintor, faxineira, entre outras atividades. Do ponto de vista econômico pode ser verdade, existe a pobreza. Do ponto de vista deste presente trabalho podemos dizer que o que foi mostrado pelas imagens é justamente o contrário. Estas e outras considerações serão feitas na conclusão.

Conclusão

Este trabalho foi iniciado pelas imagens, imagens sem texto, a idéia é para que elas falem por si. Depois conversamos com elas, para elas. Este é o diálogo que tenciona a primeira parte do trabalho.

Num segundo momento cercamos conceitualmente o trabalho, qual a estética utilizada, por quais olhares as imagens foram buscadas. Descobrimos nesta busca um narrador oculto, não alguém que simplesmente opera uma máquina e registra instantâneos, mas alguém que ao buscar uma imagem quer contar uma história. A história que é contada pelas imagens e pelos vazios entre as imagens. A provocação, e evocação, do referencial consciente e subconsciente do expectador; uma brincadeira com a memória.

Por fim, falo da comunidade do Satélite Íris e da escola ComVida. Junto com esta apresentação da comunidade fica a questão do real, o modo de olhar cria a realidade. Somos o que pensamos ser, criamos o que acreditamos poder. Por estarmos tratando do real a cada instante, desde o título até as imagens, é importante refletir sobre o mesmo. O que é real? Normalmente se quer o mundo definido como real, e ponto!

*“Em vez disso, imaginemos a **anima mundi** como aquele lampejo de alma especial, aquela imagem seminal que se apresenta por meio de cada coisa em sua forma visível. Então, a **anima mundi** aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial como um rosto revelando sua imagem interior – em resumo, sua disponibilidade para a imaginação, sua presença como uma realidade **psíquica**. Não apenas animais e plantas almados como na visão romântica, mas a alma que é dada em cada coisa, as coisas da natureza dadas por Deus e as coisas da rua feitas pelo homem.”*
(HILLMAN, p:14, 1993)

Se tudo passa a ter alma as potencialidades são infinitas. O que alguém é não depende da forma, está além dela, sendo ao mesmo tempo ela reflexo da auto-imagem própria e coletiva.

“Os distúrbios do mundo são produzidos pelo homem – representações e projeções da subjetividade humana. [...] Não podemos inocular a alma individual, nem isolá-la da enfermidade da alma do mundo.”
(HILLMAN, p:13, 1993)

O crescimento e transformação individual refletem no coletivo, assim como as sombras do coletivo refletem as sombras do indivíduo. As potencialidades da comunidade do Satélite Íris são as mesmas de qualquer outra parte do mundo. Independentem das condições sociais e econômicas. O que elas são é condicionadas por uma cultura que quer ser dominante. Não foi escrito um capítulo à parte sobre esta luta entre sombra e luz, entre assistencialismo e transformação pois é para justamente isso estar presente o tempo todo. Está em cada um , independentemente de onde more, queira olhar para isso ou não, existe uma parte sombra (pobre, favelada, excluída, aleijada, mesquinha...) e uma parte luz (inteligente, compreensiva, solidária, rica, bela...). Precisamos aprender a incluí-las juntas na unidade do Ser.

Quando chega a primavera não há força humana que impeça as flores de surgirem. É este potencial que está dentro de cada um.

Bibliografia:

ALMEIDA, Milton. Aproximações em forma escrita sobre as imagens da pintura e do cinema. In: MIGUEL, Antônio e ZAMBONI, Ernesta (Orgs). **Representações do espaço**. Campinas: Ed. Autores Associados. 1996.

_____. **Cinema, Arte da Memória**. Campinas, Autores Associados, 1999

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo : Brasiliense, 1993

BRASIL, Projeto. **500 Anos de Arquitetura**.
http://arq500.cesar.org.br/index_portugues.html, 2002

BUENO, Francisco. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. 1955

DORIN, Lannoy. **Enciclopédia de Psicologia Geral**. Vol. 1. São Paulo: Ed. Itamaraty. 1973

JAMESON, Kenneth. **Pintura Abstracta**. Lisboa : Presença, 1982

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobre. 1993

MASSOT, Maria Lucia Leone. FAVELA BAIRRO - **A falência de uma política habitacional**. <http://www.arquitetura.com.br/> . 2002

MORIN, Edgard. **Cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: uma poética do olhar**. Ateliê Editorial, s/d

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo : Cia das Letras, 2000

VAIDERGORN, Izaak. Arquitetura do Tempo. In: SIMSOM, Olga R. M. von; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (orgs.). **Educação não formal**. Campinas: Ed. Unicamp. 2001